

O Guarã, hoje, é um dos espaços urbanos mais inflacionados do Distrito Federal, habitado pela classe média.

Cidade-modelo

DA "STATUS", MAS TAMBÉM TEM QUEIXAS: O COMÉRCIO E A CLIENTELA DOS BARES

Planejada em meados dos anos 60 para alojar os trabalhadores do Setor de Indústrias de Brasília, o Guarã, quase duas décadas após sua criação, pode ser tudo, menos uma cidade de trabalhadores diretos. Seu espaço urbano é um dos mais inflacionados do DF e a cidade é habitada por uma homogênea classe média, a maioria formada por servidores públicos federais e do governo do Distrito Federal.

Das cidades-satélites de Brasília - também chamadas de "dormitório" - o Guarã é, de fato, hoje uma das mais harmônicas e seus problemas básicos, tais como transportes, saúde e educação, já se encontram praticamente 100% solucionados. Há, inclusive, quem a considere a cidade-satélite-modelo, o melhor local para se morar em Brasília, depois do Plano Piloto. Ainda assim, restam melhorias por fazer em alguns setores e a população se ressentiu delas.

Em 1972, com o começo da construção do Guarã II, a população e os problemas locais se avolumaram, haja vista ter a nova cidade também se incorporado à mesma administração do Guarã I, mas, ainda assim, as duas cidades formam um todo com inúmeras vantagens sobre as demais satélites, desde a urbanização até os baixos índices de criminalidade.

PRACAS

As praças do Guarã são alvo de quase todas as reclamações de seus moradores. Eles se queixam da ausência de espaços para o lazer das crianças e da falta de urbanização de tais lugares públicos, que, à noite, ficam entregues totalmente ao capricho e ao desrespeito dos jovens viciados em tóxicos.

Um comerciante da quadra 19, por exemplo, foi obrigado a fechar as portas de um bar que possuía naquele local. O bar tinha uma sinuca e servia de ponto de encontro para dar início à "curtição". Seu antigo proprietário agora comercializa com um magazine e sugere que se deve plantar árvores nestas praças, além de dotá-las de altos postes de iluminação.

As donas-de-casa preocupam-se mais com o abastecimento. Elas reclamam da ausência de um comércio local de grande porte, como os supermercados Carrefour, Jumbo ou Casas da Banha. Quem mora na QE 17, por exemplo, está aguardando há três anos a instalação do mercado da SAB - Sociedade de Abastecimento de Brasília - naquele setor. Segundo Maria de Lourdes, quem mora por ali tem que andar muito ou sair da cidade para fazer suas compras. Inclusive já fizeram um abaixo-assinado, para resolver o problema e até hoje continuam na mesma. A SAB chegou a construir o prédio do supermercado, que se encontra já com os vidros todos quebrados, pichado, em estado de abandono.

Para Antônio Rosado, dono de uma pequena loja de tecidos e confecções, como toda cidade dormitório, o Guarã apresenta um comércio fraco e seus moradores só podem ver os problemas locais à noite ou nos fins de semana, quando estão em casa. Mas ele aponta como problema o mau cheiro que a falta de bons esgotos em algumas áreas produz, além da sujeira. Há inclusive ausência de fiscalização, o que faz com que alguns comerciantes despejem na rua restos de leite estragado, aumentando a poluição pública.

BARULHO

Para quem mora próximo aos pequenos comércios locais, o Guarã está se tornando uma cidade insuportável. Nestes locais proliferam os bares e, como o policiamento não é suficiente,

servem de abrigo a gente que faz algazarra até altas horas da madrugada, principalmente nos fins de semana.

"Antigamente, o Guarã era uma cidade excelente em todos os pontos, mas agora, com o "crescimento do número de maus elementos", piorou muito. É um barulho insuportável nos botequins, e tem noites que quem mora por perto não pode dormir, com carros roncando o tempo todo e gritarias. Os bares estão virando malocas e há menores de até 12 anos fazendo "pegas" de carro. Acho que, como a polícia está apertando nas outras cidades, alguns marginais já estão preferindo o Guarã para fazer bagunça", diz Joaquim Batista, funcionário aposentado pelo INPS.

Mas, na opinião de Gabriel da Silva, proprietário de um bar no Guarã II, se a vagabundagem e a maconha forem o principal problema do Guarã, ele não difere das demais cidades. "O que nós precisamos é de mais diversões, o Guarã não tem sequer um clube social. Precisamos também de controle nas escolas. Na quadra 19, por exemplo, funciona o colégio Centrão, que é um escândalo, serve de ponto de encontro para viciados. O prédio está um matagal feio e não tem mais nem muro, porque os vagabundos já quebraram, não há a menor segurança. Eu tinha duas filhas estudando lá e tive que tirar e passar para outro colégio. Inclusive tem alguns deles que nem estudam, vão lá só para bagunçar mesmo. A polícia teria que dar uma assistência por lá".

Outra coisa são os cachorros nas ruas, afirma Gabriel. "Aqui tem famílias que chegam a possuir seis cães que ficam soltos e, à noite, ninguém pode sair que corre o risco de ser atacado por eles".

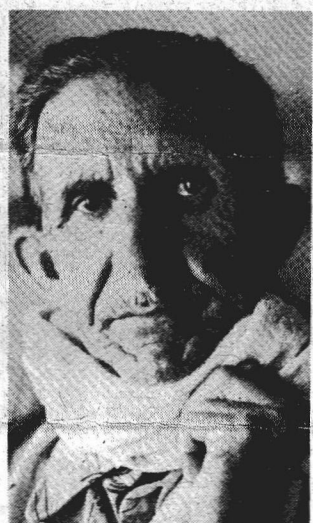
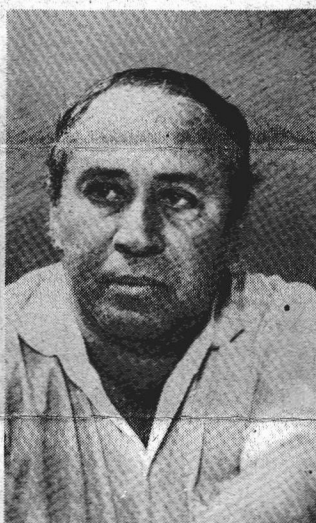
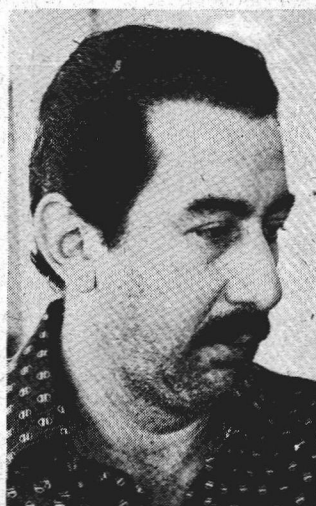
Na opinião de Elza Alencar, moradora da QE 19, o Guarã "precisa urgentemente de áreas de lazer para as crianças. Elas ficam jogando bola nas ruas, porque não têm alternativas. Eu discordo inclusive da polícia que as persegue, porque não são culpadas, só querem se divertir e o fazem como podem".

Para quem mora na QE 28, este problema também existe, ao lado de algumas oficinas que funcionam no meio da rua, atrapalhando e diminuindo o espaço das crianças. Segundo Meire Araújo, "as crianças não têm onde brincar, porque as praças não são urbanizadas, não há sequer um playground. Eles querem fazer coisas como as ruas de lazer, nos fins de semana, mas é uma bagunça, não dá certo. Quanto às oficinas, já reclamamos uma solução, mas nada foi feito. Eles não ligam, xingam as crianças, há perigo de acidentes. E não temos um palmo de grama para colocá-las. É um problema sério para mim".

MATO

De um modo geral, as quadras que margeiam o Guarã I e o II ainda carecem de benefícios públicos. Elas limitam com mata-gais, depósitos irregulares de lixo e as antigas lagoas do sistema de esgotos, trazendo problemas para as crianças das redondezas, além de mau cheiro e proliferação de insetos.

Segundo Madalena Lopes, toda a QE 3 tem um sistema de esgotos deficiente e o matagal é tanto que "a gente não vê a hora de aparecerem onças, porque co-bras é comum. A instalação é malfeita, antiga e sempre está estourando alguma fossa. É um desleixo. Também essa parte não tem policiamento. Ninguém pode sair depois das 21 horas". Segundo ela, a pracinha da quadra está sempre cheia de macos e ameaçando a tranquilidade dos transeuntes.



Lourdes, Rosado, Batista, Gabriel, Elza, Meire, Madalena, os moradores do Guarã pedem espaço

Brandes vai mostrar trabalho

O administrador do Guarã, Francisco Pinheiro Brandes, reunirá quinta-feira próxima, no auditório da Administração Regional, as principais lideranças locais, com vistas a debater os problemas daquela cidade-satélite, que serão levados ao governador Aimé Lamaison. A reunião faz parte da programação "Encontros com a Comunidade", promovida pelo Governo do Distrito Federal, Correio Braziliense e TV Brasília.

Com a utilização de "slides", cartazes e vasto material audiovisual, Francisco Pinheiro fará uma exposição sobre o tema "O que é o Guarã", apresentando em seguida, as realizações dos dois anos do governo Lamaison e as metas a serem atingidas a curto e médio prazos. Os líderes representativos da comunidade serão convidados a apresentar sugestões e idéias que visem a melhorar as condições de vida na cidade.

Para o administrador, "mesmo não sendo um paraíso", o Guarã "não tem tantos problemas como outros núcleos habitacionais". Ele garante que "o pouco que falta fazer já está equacionado e em vias de ser solucionado". Nos últimos dois anos, a ampliação da rede de águas pluviais, um dos reclamos da população, foi

realizada com investimentos da ordem de 30 milhões de cruzeiros.

Outros 50 milhões de cruzeiros foram gastos na rede de iluminação pública, atendendo a pista central do Guarã II, os minicentros do Guarã I, entre-quadas do Guarã I e o estádio de futebol do CAVE - Centro Administrativo Vivencial e Esportivo. Foi implantado o novo Setor de Oficinas, com toda infra-estrutura de água, luz, esgoto e telefone, com recursos acima de 30 milhões de cruzeiros.

Outra obra realizada pelo atual Governo do DF, e há muito esperada pela comunidade, foi a construção do salão de múltiplas funções, que será inaugurado no dia cinco de maio próximo, quando a cidade completa 12 anos de existência. Através de painéis móveis, o prédio pode atender a diversas atividades, sejam elas culturais, sociais ou artísticas, ao contrário de anos anteriores, quando não havia um só local apropriado no Guarã para estas promoções.

No salão, montado atrás da feira do Guarã, já foram investidos sete milhões de cruzeiros e, no total, a obra custará 12 milhões. O administrador enumera outras realizações do atual governo, como a pavimentação dos estacionamento

de blocos residenciais, construção de mais uma faixa de saída do Guarã I, com recursos do Transcol, da ordem de 45 milhões de cruzeiros.

A ampliação do sistema telefônico possibilitou a instalação de mais 15 mil aparelhos, enquanto a rede de esgoto está praticamente concluída, restando pequenas áreas a serem beneficiadas. No que se refere à rede escolar, o Guarã é dos núcleos populacionais mais bem atendidos, tendo 19 escolas públicas e mais de uma dezena de particulares e o mesmo número de jardins da infância.

Para os próximos dois anos, Francisco Pinheiro assegura que o objetivo do Governo é fixar os moradores na cidade, evitando que o Guarã se transforme em mais uma cidade dormitório, dependente do Plano Piloto. Para isso, está em andamento a campanha Pro-Verde, que pretende plantar 12 mil árvores, através dos próprios moradores, com apoio dos órgãos competentes. O estádio do CAVE será ampliado, as praças remodeladas, o Clube de Vizinhança ativado e será criada uma área de lazer, evitando que a população necessite ir ao Plano Piloto em busca de lazer, atividades artísticas e culturais, promovendo os valores e a cultura locais.